

A CIDADE DE FLORIANÓPOLIS COMO LUGAR UTÓPICO NA OBRA *CORPOS SECOS: UM ROMANCE*

Fabrício Rezende Bitencourt (PPGLEV-UFRJ)

RESUMO

O presente artigo busca analisar como a cidade de Florianópolis funciona, de certo modo, como utopia, na narrativa de *Corpos Secos: Um Romance*, uma vez que as personagens desta obra, em geral, se deslocam para essa cidade. Trata-se, então, de abranger, nesta pesquisa, o lugar utópico como mola propulsora na narrativa distópica de *Corpos Secos*, além de Florianópolis ser o ponto central das diferentes narrativas presentes no livro. Com esse intento, a pesquisa seguiu a metodologia de cunho bibliográfico, visto que, para elaboração deste artigo, foram revisados materiais bibliográficos já existentes quanto a construções de narrativas distópicas e utópicas. Por meio dessas reflexões, evidenciou-se a possível contribuição interpretativa de Florianópolis, em relação a todo território brasileiro, representar o lugar utópico em *Corpos Secos*.

PALAVRAS-CHAVE: *Corpos Secos*; Literatura Brasileira Contemporânea; Utopia; Distopia

ABSTRACT

This article seeks to analyze how the city of Florianópolis works, in a way, as a utopia, in the narrative of *Corpos Secos: Um Romance*, since the characters of this work, in general, move to this city. It is, therefore, about covering, in this research, the utopian place as a driving force in the dystopian narrative of *Corpos Secos*, in addition to Florianópolis being the central point of the different narratives present in the book. With this intent, the research followed the methodology of a bibliographic nature, since, for the elaboration of this article, existing bibliographic materials were reviewed regarding constructions of dystopian and utopian narratives. Through these reflections, the possible interpretative contribution of Florianópolis, in relation to the entire Brazilian territory, was evidenced, representing the utopian place in *Corpos Secos*.

KEYWORDS: *Corpos Secos*; Contemporary Brazilian Literature; Utopia; Dystopia

“O mito é o nada que é tudo.
O mesmo sol que abre os céus
É um mito brilhante e mudo —
O corpo morto de Deus,
Vivo e desnudo.”¹

UTOPIAS

O Arcadismo – importante movimento artístico-literário que surgiu na Europa no século XVIII – seguia, em uma de suas propostas basilares, a perspectiva de deslocar-se para um local mais afastado da conturbação urbana (*fugere urben*), bem como, de certo modo, a busca por um local mais tranquilo e calmo, ou seja, um *locus amoenus*. O termo “arcadismo” advém de Arcádia, uma região campestre do Peloponeso, na Grécia antiga, a qual era considerada ideal para a inspiração poética. Nesse sentido, é possível inferir que existia, no Arcadismo, a necessidade de um deslocamento para um lugar idealizado, uma vez que os autores dessa manifestação artística se viam em um *locus horrendus*.² A ideia referente ao lugar idealizado foi pensada por Thomas More, no seu livro denominado *Utopia*, em que o filósofo descreve uma sociedade perfeita em todos os âmbitos sociais. Desse modo, tanto o espaço referente à obra de More quanto o *locus amoenus* são construções utópicas, sobretudo ao se comparar com o espaço disfórico. Essa proposição também pode ser observada na obra *Corpos Secos: Um Romance*, na medida em que, comparada ao caos que assola o Brasil nessa ficção contemporânea, Florianópolis faz o papel de ser o lugar seguro e de possível esperança.

... o governo brasileiro está trabalhando por você. Se você não está contaminado pela doença do corpo seco, venha para Florianópolis. Repito: quem não está contaminado pelo corpo seco, venha para Florianópolis. Toda ajuda é necessária, e todos os cidadãos brasileiros saudáveis serão recebidos após passarem pela triagem... (Geisler [et al.], 2020, p. 25)³

O termo *utopia*, no que se refere à etimologia da palavra, pode significar um “*não-lugar*” no sentido de que esse lugar, por ser idealizado, inexistente na realidade. Nesse sentido, por ser uma obra de ficção, a não-demarcação exata da ilha “Utopia” faz com que seja considerada um protótipo de uma comunidade idealizada. Utopia, então, consoante Silva Liebel (2021a), “é um projeto que

¹ PESSOA, Fernando, 1888-1935. **Mensagem**. Barueri, SP: Novo Século Editora. 2018. p. 17

² BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 50. ed. São Paulo: Cultrix, 2015 & KAVISKI, Ewerton; FUMANERI, Maria Luísa Carneiro. **Literatura brasileira: uma perspectiva histórica**. 1. ed. Curitiba: Intersaberes, 2014.

³ O chamado do governo é apresentado, textualmente, algumas vezes na narrativa de *Corpos Secos: Um Romance*. [64] GARRAFA. Vol. v. 20, n. 57 (2022): Janeiro - Junho. “A cidade de Florianópolis...”, p. 62 - 72. ISSN 18092586

se pretende ser realizável.” (p.14). Na ilha fictícia criada por More, havia, de fato, o bem-estar social, visto que os utopianos – de forma singular – organizavam-se harmonicamente, de modo que a idealização proposta funcionava eficaz e eficientemente. Além disso, dada a importância dessa obra ficcional-filosófica, formou-se um gênero literário associado ao neologismo pensado por More. Referente a isso, Fátima Vieira (2010) salienta que:

Na verdade, embora a palavra utopia tenha surgido para aludir a lugares paradisíacos imaginários, também foi usada para se referir a um tipo particular de narrativa, que ficou conhecido como literatura utópica. Era uma nova forma literária, e sua novidade certamente justificava a necessidade de um neologismo. (p. 4) **[tradução minha]**

Como já pontuado, *utopia*, etimologicamente falando, referente a um “lugar” dito como “não-lugar”, havendo, portanto, – seguindo os preceitos de Vieira (2010) –, uma dicotomização paradoxal entre afirmação e negação. Esse paradoxo pode ser constatado, também, nos seguintes exemplos presentes na narrativa de More: a cidade-capital Amauroto (“cidade sem habitantes”), Rio Anidro (“rio sem água”), o príncipe Adamos (“chefe sem povo”). Essas “contradições” auxiliam na evidenciação de que *Utopia* se insere no plano das ideias.

Referente a critérios geográficos, segue abaixo, a descrição do viajante Rafael Hitlodeu acerca da ilha idealizada:

No ponto central em que é de maior largura, a ilha dos utopianos se estende por trezentos e vinte quilômetros, e não é muito mais estreita em nenhum outro lugar, exceto onde se afila nas duas extremidades. Estas, como se cercassem um círculo com oitocentos quilômetros de circunferência, dão à ilha o feitio de uma lua crescente de dezessete quilômetros. (More, 2018, p. 82).

Associado a isso, fora do plano de ficção de *Corpos Secos*, a capital do estado de Santa Catarina no sul do Brasil, Florianópolis, é, em sua grande maioria, constituída pela Ilha de Santa Catarina, com 54 km de comprimento. Ademais, Florianópolis é destacada positivamente por ser a capital brasileira com o melhor índice de desenvolvimento humano (IDH).⁴ Isso posto, pode-se observar uma aproximação entre Florianópolis e Utopia, pois ambas, de certo modo, estão, geograficamente, “deslocadas” e são ilhas. É provável que, por essa razão, no processo de construção de *Corpos Secos*, a famigerada “Floripa” foi selecionada para ser o espaço utópico na narrativa dessa obra brasileira.

⁴ Essas informações básicas foram retiradas do seguinte site: <http://www.encontrasantacatarina.com.br/sobre-florianopolis.htm>. Acesso em: 03 de setembro de 2021.

Por fim, há um ponto comum entre “utopia” e “mito”, visto que, de acordo com Liebel (2021a):

Hilário Franco Júnior conceitua a utopia como um contra-modelo da realidade, “um mito projetado no futuro”, de forma que o futuro melhorado repousa sobre a imagem de um passado idealizado. Utopia e mito são atravessados, portanto, por uma perspectiva de tempo cíclico, não estando necessariamente situados uma no futuro e outro no passado – ainda que os mitos sejam apresentados no passado, eles representam arquétipos explicativos para uma sociedade, que a eles se volta em busca de um guia norteador. As utopias, por sua vez, em uma primeira fase de seu desenvolvimento, frequentemente assinalam uma volta à Idade de Ouro. (p.12)

Portanto, se “o mito é o nada que é tudo”, a utopia também é esse “nada”, uma vez que ela se encontra nos planos das ideias, mas, ao mesmo tempo é o “tudo” devido ao seu caráter de proporcionar, em um lugar distópico, o ato de esperar. A esperança, conforme Liebel (2021b) é a matriz emotivo-narrativa da distopia. Assim, há, em todo espaço disfórico – sobretudo na narrativa literária –, uma necessidade de se criar uma perspectiva utópica. No caso de *Corpos Secos: Um Romance*, a perspectiva utópica encontra-se na fronteira de Florianópolis. Essa esperança também é constatada logo no início da narrativa, em que o leitor tem acesso ao ciclo narrativo de Mateus – personagem considerado como a “esperança” para a doença do corpo seco, uma vez que, a princípio, é imune a esse vírus.

Na sala de conferências, a dra. Sandra alinha com o resto da equipe o andamento da pesquisa. Recapitula o quadro do paciente, que se mantém estável passados quatro meses desde sua contaminação, sem apresentar nenhum dos sinais típicos da doença, como coágulos no sangue. Como explicar isso? O paciente não possui histórico de doenças metabólicas como diabetes nem estava submetido a nenhum tipo de tratamento médico. Tem uma vida sexual comum para um jovem de vinte e cinco anos, sem nenhum histórico de doença infecciosa pregressa. Possui bom condicionamento físico e pratica esportes regularmente. Não mantém nenhum hábito alimentar incomum, exceto preferir alimentos orgânicos, mesmo que de modo não exclusivo. Ainda não conseguiram encontrar nada que explique como seu corpo, mesmo contaminado por aquela versão mutante de *Baculovirus anticarsia*, não desenvolveu nenhum dos sintomas da síndrome de Matheson-França, o popular “corpo seco”. Em outras palavras, ninguém sabe dizer por que Mateus continua vivo. (Geiler [et al], 2020, p. 8) “Até que chegamos de novo no mar. Uma lancha nos esperava. Fariamos a travessia. Isso era certo.” (Geisler [et al], 2020, p. 189)⁵

⁵ O romance finda dessa maneira, evidenciando a inacessibilidade textual da cidade de Florianópolis.
[66] GARRAFA. Vol. v. 20, n. 57 (2022): Janeiro - Junho. “A cidade de Florianópolis...”, p. 62 - 72. ISSN 18092586

DESLOCAMENTOS

É difícil pensar em viagens. As portas dos carros fecharam. Os dois carros seguiram pela estrada, um atrás do outro. Passaram por túneis engarrafados, deram a volta, subiram em grama, cometeram um monte de infrações. A gente parou pra comer no carro e, enquanto eu comia um pão duro, a Pilar quis vomitar. Ela não comeu muito mais depois disso. Tanto não comeu que morreu dias depois. É difícil pensar nisso. (Geiler, 2020, p. 89)

Por conta da fatal doença presente na narrativa de *Corpos Secos: Um Romance*, surgiram os denominados “corpos secos”, corpos humanos que possuem inatividade cerebral, sendo movidos apenas pelo anseio de sangue. Em razão dessa drástica situação, o território brasileiro tornou-se um espaço distópico, dado que, em geral, além do caos vigente, perpetua-se o mal-estar. A única esperança dos sobreviventes é a tentativa de ir, até então, ao único lugar considerado seguro no Brasil: Florianópolis. Curiosamente, conforme o romance aqui apresentado, Florianópolis, inicialmente, seria denominada “Desterro”⁶. Liebel (2021b) assevera que:

As distopias seguem, dessa forma, uma dupla estratégia narrativa, um caminho ligado à utopia no sentido de ser “lugar nenhum”, um lugar deslocado geograficamente e que não se localiza (o que distancia, de certa forma, a distopia de nossa realidade), e um outro caminho, outra possibilidade narrativa que a insere diretamente em nosso imaginário, conectando espaços e conjunturas reais e ganhando um tom premonitório. (p. 193)

Dessa maneira, Florianópolis, nesta narrativa distópico-contemporâneo-brasileira, funciona como um lugar utópico, visto que, além de ser apresentada como espaço de “salvação” e/ou de esperança, é, textualmente, inacessível, seguindo, portanto, a dupla estratégia narrativa pertencente às distopias – conforme salientado por Liebel (2021b).

Outrossim, cabe mencionar a brasilidade presente no livro aqui selecionado, principalmente em relação ao nome dado para os “zumbis” da narrativa: corpos secos.⁷ Esse interessante recurso de brasilidade proporciona, no leitor, uma retomada aos aspectos socioculturais e históricos advindos do folclore brasileiro. É de suma relevância, portanto, apresentar um breve resumo acerca do personagem folclórico que deu nome à obra escrita pelo quarteto literário: Geiler, Ferroni, Polesso e Machado.

⁶ Segundo o Dicionário On-line Michaellis, há, referente ao termo “desterro”, seis entradas. Uma dessas entradas significa “lugar desabitado ou desértico”. Além disso, “desterro” é sinônimo de exílio.

⁷ Essa constatação foi ratificada pelos autores da obra em suas entrevistas. A entrevista principal para fomentar esta pesquisa encontra-se no seguinte link: <https://youtu.be/fkRVs3QBtbk>. Acesso em 03 de setembro de 2021.

[67] GARRAFA. Vol. v. 20, n. 57 (2022): Janeiro - Junho. “A cidade de Florianópolis...”, p. 62 - 72. ISSN 18092586

O destino do Corpo-Seco é sem igual: um homem que viveu fazendo o mal e não respeitou nem a própria mãe, e que, ao morrer, ninguém quis saber dele. Nem Deus, nem o Diabo, nem a terra, nem os vermes, nem mesmo os abutres. Para cumprir uma terrível sina, o Corpo-Seco levanta-se de sua tumba, já diminuído, cheio de restos de terra podre pelo corpo, com a pele inteira enrugada sobre os ossos, e sai para assombrar os seres humanos na calada da noite – especialmente no período da Quaresma ou nas noites de Sexta-Feira Santa, do calendário cristão -, gritando e ensurdecendo a todos. (Alves, 2017, p. 118)

O Corpo-Seco, então, por consequência de seus atos hostis, tornou-se um ser, de certa maneira, desterritorializado, visto que, em conformidade com o folclore, esse ser foi rejeitado por Deus, pelo Diabo e pela terra a qual fora enterrado. O viés referente ao território é uma peça basilar presente nas estruturas distópicas dissertadas por Tábata da Cruz Silva (2018), que, em sua dissertação, objetiva analisar algumas fundamentações da estrutura narrativa existentes na distopia, enquanto gênero literário. Diferentemente do Corpo-Seco, que sai de sua tumba para assombrar os cidadãos, as personagens de *Corpos Secos* perpassam por travessias que beiram ao desnorsteio. Esse “desnorsteio” converge com as considerações propostas por Liebel (2021b) acerca da distopia, já que, “A distopia se apresenta, assim, como uma narrativa desvirtuada, degenerada, na qual a linha condutora não aponta para o progresso, mas sim para a perda.” (p. 190). A única perspectiva dessas personagens é de sobreviver e de conseguir chegar a Florianópolis – lugar propício para uma possível “salvação” dos que estão perdidos.

Há, na obra *Corpos Secos: Um Romance*, uma narrativa, de certo modo, rizomática⁸, visto que, além de haver diferentes nichos narrativos, observa-se, também, uma certa não-hierarquização em relação às principais tramas retratadas no romance, evidenciando, assim, um ponto de contato entre essas narrativas: O trajeto até Florianópolis. Esse modelo rizomático – por assim dizer – é destacado, também, no formato de como o romance foi construído, haja vista que *Corpos Secos* foi escrito por quatro autores com características de escrita diferentes: Luisa Geisler, Marcelo Ferroni, Natalia Borges Polesso e Samir Machado de Machado. Mesmo com as singularidades de cada escritor, *Corpos Secos* é uma obra que unifica, de forma coesa e coerente, as divergências desses autores, sendo, então, bem estruturada.

Abaixo, seções de cada núcleo narrativo com o fito de mostrar, de uma forma mais clara, excertos referentes ao deslocamento das personagens para Florianópolis:

⁸ Termo retirado do conceito “Rizoma”, proposto por Deleuze e Guattari (1995).

[68] GARRAFA. Vol. v. 20, n. 57 (2022): Janeiro - Junho. “A cidade de Florianópolis...”, p. 62 - 72. ISSN 18092586

- Mateus

— Todos já devem estar sabendo das últimas notícias. É seguro dizer que não receberemos mais nenhum comunicado de Brasília. O combustível do gerador não vai durar por muito tempo. Conversei com o coronel, e estamos de acordo quanto a atender o chamado de Florianópolis. (Geisler [et al], 2020, p. 41)

- Murilo

Levi tinha ouvido que em Florianópolis as coisas estavam melhorando. Disse que tinha conseguido ouvir num rádio. Então tirou o tal rádio do bolso. Uma mensagem gravada se repetia de novo e de novo.

— É obviamente uma emboscada — disse o tio Quincas. — Se não, todo mundo estaria indo pra lá.

— Mas todo mundo *tá indo* pra lá — disse o Levi.

Eles discutiram aquilo por algumas noites. A mãe e o Cauã pareciam querer ir pra Florianópolis. O Levi parecia querer ficar em Porto Alegre por mais uns dias, pegar mais transmissões pelo rádio, talvez tentar achar conhecidos, já que havia muita família por ali. O tio Quincas queria ir pra fronteira, e sempre que dizia aquilo apertava a mão da Lulu. (Geisler [et al], 2020, p. 96)

- Regina

Seguii as placas que a levassem a qualquer lugar conhecido. No rádio AM, em diferentes canais, ouviu a mensagem:

O governo brasileiro está trabalhando por você. Se você não está contaminado pela doença do corpo seco, venha para Florianópolis...

Os seguintes pontos de embarque e triagem foram estabelecidos ao longo da costa: Ilha da Escola Naval, Rio de Janeiro...

...

E, agora, deixo vocês com a voz de Roberto Carlos.

O sogro gostava de Roberto Carlos. Ela odeia. Cruzou as cidades de Israelândia, Messianópolis e Turvânia. O rádio é sua companhia. (Geiler [et al] 2020, p. 157)

- Constância / Conrado⁹

— Precisou chegar o fim do mundo pra vocês virem aqui, né?

— Daqui, vamos pra Florianópolis.

— Dizem que lá tem uma zona segura e que estão saindo navios para outros lugares.

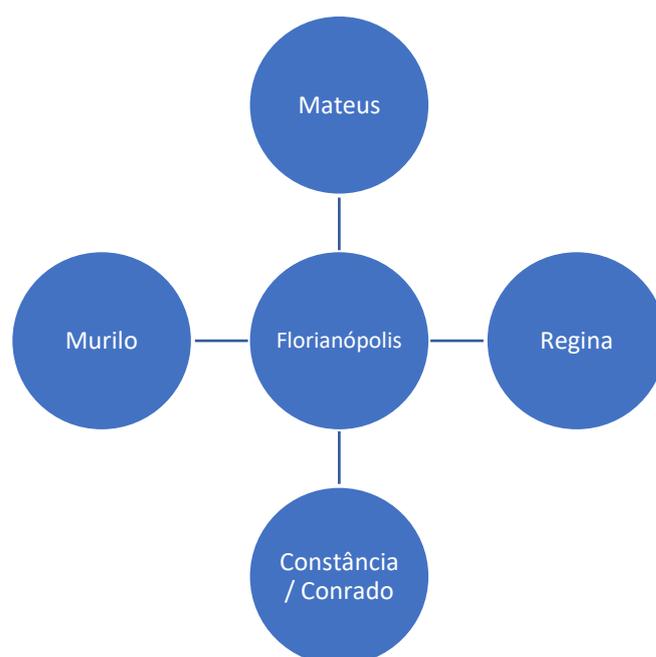
— Florianópolis? Eu que não! Vou ficar aqui. Aqui garanto que é seguro. E logo essa bobagem termina. [...]

Era por isso que não visitávamos a mãe com tanta frequência. Ela desatava a falar, e era difícil encontrar um respiro para atravessar palavras. Conrado e eu nos olhamos meio sem conseguir acreditar. A mãe não devia saber da dimensão catastrófica das coisas. (Geisler [et al], 2020, p. 74-75)

⁹ Embora essas duas personagens tenham entradas próprias nos capítulos da narrativa de *Corpos Secos: Um Romance*, suas histórias, até certo ponto, estão entrelaçadas, dado que, além de serem irmãos gêmeos, seguem, juntos, suas travessias. Além disso, vale pontuar que Constância, em relação a Conrado, tem mais entradas narrativas.

[69] GARRAFA. Vol. v. 20, n. 57 (2022): Janeiro - Junho. "A cidade de Florianópolis...", p. 62 - 72. ISSN 18092586

Esses nichos narrativos se conectam por compartilharem um mesmo objetivo. Logo, mesmo com os consideráveis eventos e experiências ocorridos por essas personagens ao longo do árduo percurso, Florianópolis é o eixo central que atrai todas essas principais narrativas retratadas em *Corpos Secos: Um Romance*, como é mais bem elucidado na figura abaixo.



Fonte: Produção autoral

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Os deslocamentos das personagens evidenciam a indispensabilidade de haver, de certa maneira, um lugar que exerce – em comparação à disforia existente na narrativa distópica de *Corpos Secos: Um Romance* – a função de espaço utópico e/ou seguro. Atrelado a isso, no que diz respeito à personagem de ficção, Fernando Segolin (2006) considera que: “[...] a personagem, na sua diacronia, é ideologicamente um ser utópico, embora sincronicamente não consiga esconder sua analogia estrutural, quer com posturas ideológicas existentes, quer como ideologias em formação, ainda não instauradas, mas passíveis de existência futura.” (p. 127). Ao encontro dessa perspectiva acerca da personagem de ficção, as personagens que, na narrativa de *Corpos Secos: Um Romance*, se deslocam para Florianópolis perpassam por um vir-a-ser (porvir), uma vez que Florianópolis [70] GARRAFA. Vol. v. 20, n. 57 (2022): Janeiro - Junho. “A cidade de Florianópolis...”, p. 62 – 72. ISSN 18092586

representa, nesse romance distópico, um espaço "utópico". Esse porvir pode ser demonstrado a partir do final "aberto" das personagens, cujos excertos são exemplificados abaixo:

- Regina

“Não tem mais nada, não traz mais nada. Dá três passos, o casco se distancia, ela salta. As mãos sacodem no ar e ela cai no vazio.” (Geisler [et al], 2020, p. 164)

- Mateus

Os dois observam a nuvem espessa de pássaros sobrevoando a cidade feito uma praga bíblica e o Cristo decapitado no horizonte. Alguém perto deles lembra que o primeiro nome de Florianópolis foi Desterro, e que nada seria mais adequado agora. Conforme o país ao redor vai morrendo, tudo o que há pela frente é o passado. (Geisler [et al], 2020, p. 169)

- Constância

“Até que chegamos de novo no mar. Uma lancha nos esperava. Faríamos a travessia. Isso era certo.” (Geisler [et al], 2020, p. 189)

A narrativa não “fechada” de *Corpos Secos* pode revelar a não “concretude” sobre o futuro das personagens que sobreviveram na travessia. Assim sendo, essas personagens encontram-se em um espaço de possíveis realizações.

As reflexões pautadas por este trabalho têm, como finalidade, observar – de forma breve – a cidade de Florianópolis como lugar utópico na obra *Corpos Secos: Um Romance*, demonstrando, assim, a esperança como mola propulsora em certas narrativas de viés distópico. Dessarte, uma vez que a obra aqui apresentada foi publicada em 2020 e a literatura contemporânea brasileira é um território amplo e de caráter heterogêneo, novas reflexões devem ser propostas a fim de compreender novas estratégias de construções narrativas quanto ao contemporâneo.

REFERÊNCIAS

ALVES, Januária Cristina. **Abecedário de personagens do folclore brasileiro e suas histórias maravilhosas**. 1ª edição. São Paulo: FTD: Edições SESC, 2017.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 50. ed. São Paulo: Cultrix, 2015.

COMPANHIA DAS LETRAS. **Companhia Virtual: Conversa com autores de Corpos Secos (Geisler, Machado, Polesso e Ferroni)**. Youtube, 11 de maio de 2020. Disponível em: < <https://youtu.be/fkRVs3QBtbk>>. Acesso em: 03 de setembro de 2021.

- DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.
- GEISLER, Luisa (et. al). **Corpos Secos: Um Romance**. 1. ed. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2020.
- KAVISKI, Ewerton; FUMANERI, Maria Luísa Carneiro. **Literatura brasileira: uma perspectiva histórica**. Curitiba: Intersaberes, 2014.
- LIEBEL, Silva. Utopias: entre a ideia e o gênero literário. *In*: LIEBEL, Silva (org.). **Das utopias modernas às distopias contemporâneas: conceito, prática e representação**. 1. ed. Belo Horizonte [MG]: Fino Traço, 2021a. p. 11-22.
- LIEBEL, Vinícius. Distopias – um gênero na história. *In*: LIEBEL, Silva (org.). **Das utopias modernas às distopias contemporâneas: conceito, prática e representação**. 1. ed. Belo Horizonte [MG]: Fino Traço, 2021b. p. 189-217.
- MORE, Thomas. *Utopia*. 135. ed. São Paulo: Penguin, 2018.
- PESSOA, Fernando, 1888-1935. *Mensagem*. Barueri, SP: Novo Século Editora. 2018. p. 17
- SEGOLIN, Fernando. **Personagem e Anti-Personagem**. 2. ed. São Paulo: Olho d'Água, 2006.
- SILVA, Tábata da Cruz. **Identidade, território e manipulação: a estrutura da narrativa distópica e suas relações de controle social**. 2018. 107 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Literatura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2018.
- VIEIRA, Fátima, The concept of utopia. *In*: CLAEYS, Gregory (edited). **The Cambridge Companion to Utopian Literature**. First edition. Cambridge University Press, 2010. p. 3-27.